

Resumo de notícias econômicas

27 de Abril de 2022 (quarta-feira)

Ano 3 n. 333

Núcleo de Inteligência da ADECE/SEDET



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E TRABALHO

Stock of Broad Money Around the World



Note: Category "Other" counts all the countries with less than 100B of money supply.

Article & Sources:
<https://howmuch.net/articles/broad-money-world>
 Central Intelligence Agency - <https://www.cia.gov>

howmuch.net

PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA:

27 ABRIL DE 2021

- Governo tenta destravar crédito e impulsionar a economia

Na tentativa de destravar a oferta ao crédito e acelerar o crescimento da economia, o governo Bolsonaro lançou um novo pacote de medidas para renovar em R\$ 87 bilhões as linhas de empréstimos para Microempreendedores Individuais (MEIS), micro, pequenas e médias empresas, além de habitação popular.

- Senado da Flórida aprova projeto de lei que retira da Disney benefícios fiscais vigentes há 55 anos

O Senado da Flórida aprovou ontem projeto de lei que retira da Disney benefícios fiscais e de autogestão vigentes há 55 anos. A aprovação veio pós o governador do estado, Ron Desantis, sugerira revogação como resposta à manifestação contrária da companhia a uma nova e polêmica lei estadual voltada à abordagem de questões de gênero na educação.

- Coworking ganha força com modelo híbrido de trabalho

Os escritórios de trabalho compartilhado – no inglês, coworkings – voltaram a crescer no Brasil, superando as dúvidas sobre o fôlego do setor depois de dois anos de trabalho remoto em meio aos efeitos da pandemia.

- Grandes empresas entram na disputa por espaços de coworking

Se antes da pandemia os espaços de coworking eram essencialmente utilizados por empresas de menor porte, a mudança para um modelo de trabalho mais flexível tem alterado o perfil dos interessados em usar escritórios compartilhados. Agora, esses locais também são disputados por grandes corporações.

- BNDES suspende linha de crédito com juro subsidiado

O BNDES suspendeu novas operações de financiamento no âmbito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf Custeio), que previa juros prefixados de 3% ao ano. O motivo alegado foi o “nível de comprometimento dos recursos disponíveis no aludido programa”.

- Boeing vê Brasil na liderança de combustível sustentável

O setor aéreo traçou metas ousadas para reduzir as emissões de carbono nas próximas décadas e, para alcançar esse objetivo, as empresas consideram essencial a ampla adoção do combustível de aviação sustentável (SAF, na sigla em inglês). Neste contexto, a americana Boeing acredita que o Brasil pode ser um dos grandes protagonistas na produção do insumo.

- Alta do petróleo força renovação de frota

Enquanto as companhias aéreas tentam recuperar margens e recompor a taxa de ocupação, as fabricantes de aeronaves buscam estimular a renovação da frota, tendo como pano de fundo o aumento das cotações do petróleo depois da guerra na Ucrânia. “Com o desafio do aumento de preços dos combustíveis, as aéreas precisam de produtos mais eficientes”, diz o vice-presidente da Boeing para América Latina e Caribe e diretor-geral da companhia no Brasil, Landon Loomis.

- O analista de câmbio que viralizou no Brasil

- Origin investirá R\$ 500 milhões para crescer no País

O grupo irlandês de insumos e serviços agrícolas Origin quer investir até R\$ 500 milhões em cinco anos para crescer no Brasil. Dono da Fortgreen, de fertilizantes especiais e adjuvantes, prevê construir fábrica no Centro-oeste e quatro centros de distribuição.

- Exportação de frutas em alta

Exportadores brasileiros de frutas esperam repetir neste ano o desempenho recorde do ano passado, quando as vendas externas geraram US\$ 1 bilhão. “Se alcançarmos este resultado, diante de todos os desafios deste ano, será positivo”, diz Guilherme Coelho, presidente da Associação dos Produtores de Frutas (Abrafrutas). A receita estável apurada no primeiro trimestre do ano corrobora a perspectiva.

Governo tenta destravar crédito e impulsionar a economia

O Estado de S. Paulo.

Na tentativa de destravar a oferta ao crédito e acelerar o crescimento da economia, o governo Bolsonaro lançou um novo pacote de medidas para renovar em R\$ 87 bilhões as linhas de empréstimos para Microempreendedores Individuais (MEIS), micro, pequenas e médias empresas, além de habitação popular. O “Crédito Brasil Empreendedor”, saiu abaixo dos R\$ 100 bilhões previstos.

A expectativa do Ministério da Economia é de que em 45 dias a 60 dias as linhas já sejam oferecidas pelos bancos. O pacote renova as linhas de crédito lançadas durante os dois anos da pandemia (2020 e 2021) sem a cobrança do IOF. Uma medida provisória (MP) do crédito foi editada, mas o governo espera uma última votação no Senado de projeto que estende a vigência do Pronampe (linha para micro e pequenas empresas), com potencial de gerar R\$ 50 bilhões em novos créditos.

A principal dificuldade dos empreendedores no acesso ao crédito é a falta de garantias. O governo federal bancará essas garantias como forma de destravar a oferta pelos bancos. O prazo de carência vai variar entre seis meses e um ano, e o prazo de pagamento, entre 12 e 60 meses.

O governo conta outros 14 novos instrumentos financeiros criados para dar fôlego às empresas e permitir investimentos. As novas medidas já começarão a ser estudadas para o crédito para ampliar os instrumentos financeiros. Uma delas é criar um mercado de recebíveis para os precatórios. Esse mercado é restrito às negociações entre pessoas físicas que detêm o crédito do precatório e os compradores interessados em adquiri-lo com deságio, além de fundos que compram essas dívidas do governo.

A MP altera a legislação para permitir novas garantias. Para o chefe da assessoria especial de Assuntos Estratégicos do Ministério da Economia, Adolfo Sachsida, o pacote tem potencial para dinamizar o compromisso de campanha do presidente Bolsonaro de “foco no pequeno”. Na mesma linha, a secretária especial de Competitividade do ministério, Daniella Marques, disse que as medidas desconcentram a política de crédito para melhorar o ambiente de negócios. Ela destacou que se trata de recursos “parados” nos bancos.

Senado da Flórida aprova projeto de lei que retira da Disney benefícios fiscais vigentes há 55 anos

Reuters

O Senado da Flórida aprovou ontem projeto de lei que retira da Disney benefícios fiscais e de autogestão vigentes há 55 anos. A aprovação veio pós o governador do estado, Ron Desantis, sugerira revogação como resposta à manifestação contrária da companhia a uma nova e polêmica lei estadual voltada à abordagem de questões de gênero na educação. A expectativa é de que a Câmara, liderada pelos republicanos, aprove a medida, que entraria em junho de 2023.

Coworking ganha força com modelo híbrido de trabalho

O Estado de S. Paulo.

Os escritórios de trabalho compartilhado – no inglês, coworkings – voltaram a crescer no Brasil, superando as dúvidas sobre o fôlego do setor depois de dois anos de trabalho remoto em meio aos efeitos da pandemia. Com espaços vazios da noite para o dia, algumas empresas tiveram de cortar na carne nos primeiros meses da quarentena. Um estudo da Newmark, consultoria especializada no setor imobiliário, mostra que esse corte chegou, na média, a 16% dos espaços no caso de quem precisou fechar áreas de escritórios. O faturamento no período desabou, na média, em 75%.

A boa notícia é que esses espaços já foram retomados, e a perspectiva é de mais crescimento. Agora, o impulso para a recuperação vem das companhias que passaram a retomar o trabalho presencial, mas buscaram, desta vez, modelos mais flexíveis para seus funcionários. A mesma Newmark indica que, só no ano passado, os escritórios de coworking já somavam 1,6 mil unidades no País, com grande concentração no Estado de São Paulo (663). A menor disponibilidade de lugares atualmente é no Itaim, bairro onde fica a Avenida Faria Lima, coração do centro financeiro do País. O índice de espaço vago na região está hoje em apenas 2,8%.

Na média na cidade de São Paulo, a vacância (taxa de espaços vagos) é de 23,8%, conforme dados de abril, pouco maior do que os 21,9% observados em março.

Mesmo após forte expansão de negócios, o marketplace Inventa resolveu usar o espaço de um coworking na região da Avenida Paulista, em vez de ter sede própria. Segundo Ana Furtado, responsável pela área de recursos humanos da companhia, a decisão foi ancorada na flexibilidade oferecida por esse tipo de local.

Grandes empresas entram na disputa por espaços de coworking

O Estado de S. Paulo.

Se antes da pandemia os espaços de coworking eram essencialmente utilizados por empresas de menor porte, a mudança para um modelo de trabalho mais flexível tem alterado o perfil dos interessados em usar escritórios compartilhados. Agora, esses locais também são disputados por grandes corporações.

A Petrobras está entre as empresas que fizeram esse movimento. A estatal reduziu o espaço de sua sede no Rio de Janeiro e passou a fazer licitações para alugar coworkings para comportar seus funcionários. “As empresas não querem mais investir em imobilizado”, acrescenta Mariana.

Na IWG no Brasil, que é dona das marcas de coworking Regus e Space, os números já refletem esse fenômeno. Antes da crise sanitária, as grandes empresas representavam 40% dos clientes, parcela que agora saltou para 65%. “O trabalho híbrido virou o novo normal. Temos oito mil clientes, e 90% deles voltaram no modelo híbrido”, diz o presidente do grupo no Brasil, Tiago Alves.

Segundo o executivo, na pandemia muitas empresas, assim como a Petrobras, reduziram seus escritórios e decidiram espalhar seus locais de trabalho, com o apoio dos coworkings. A ideia dessas empresas, de acordo com Alves, é dar opções para seus funcionários trabalharem mais perto de casa. A IWG possui hoje no País 66 espaços e planeja encerrar 2022 com 100, o que marcará o melhor ano da empresa no Brasil.

Na Wework, que possui 32 espaços no Brasil, a taxa de ocupação já atingiu 80% – maior do que em mercados como Canadá, França e Suécia e segunda maior ocupação na América Latina. Na pandemia, a Wework se viu obrigada a fechar espaços, mas o executivo diz que, sob o impulso da tendência do modelo de trabalho flexível, a empresa superou os seus números pré-pandemia, atingiu o maior número de clientes desde sua

chegada no Brasil e está, há 18 meses seguidos, com o balanço de vendas líquidas positivo.

Na Gowork, a demanda por parte das grandes empresas está crescente e movimentando um nicho de negócio da companhia batizado de build to go, na qual um prédio é customizado para o cliente. Não há, nesse formato, espaço de trabalho compartilhado com outras companhias e todo o restante dos serviços é fornecido exatamente como um coworking tradicional. Dentre os exemplos, estão o escritório de advocacia LBCA e o da companhia de seguros de saúde Qualicorp. “Trata-se de um contrato modular, com mais dinamismo do que a locação tradicional. Antes da pandemia, empresas mais tradicionais tinham reticências ao coworking”, comenta o presidente da Gowork, Fernando Bottura.

BNDES suspende linha de crédito com juro subsidiado

Broadcast

O BNDES suspendeu novas operações de financiamento no âmbito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf Custeio), que previa juros prefixados de 3% ao ano. O motivo alegado foi o “nível de comprometimento dos recursos disponíveis no aludido programa”.

O Pronaf Custeio era a única linha do Plano Safra 2021/22 que ainda estava com crédito liberado no BNDES. Todas as outras linhas com juros subsidiados já estavam suspensas desde o dia 7 de fevereiro, por causa de normativa do Tesouro Nacional, dada a falta de recursos para equalizar as taxas depois da elevação da Selic – hoje, em 11,75% ao ano. O Tesouro Nacional argumenta que aumentou muito a diferença entre a taxa básica de juros e a taxa cobrada de produtores nos financiamentos. •

Boeing vê Brasil na liderança de combustível sustentável

O Estado de S. Paulo.

O setor aéreo traçou metas ousadas para reduzir as emissões de carbono nas próximas décadas e, para alcançar esse objetivo, as empresas consideram essencial a ampla adoção do combustível de aviação sustentável (SAF, na sigla em inglês). Neste contexto, a americana Boeing acredita que o Brasil pode ser um dos grandes

protagonistas na produção do insumo, não só para o abastecimento do mercado interno como também para atender a pedidos de exportação.

De acordo com o vice-presidente da Boeing para América Latina e diretor-geral da companhia no Brasil, Landon Loomis, o País tem um papel de liderança “óbvia” neste cenário. “O Brasil desenvolveu seu combustível na década de 1970 com a crise do petróleo. É o segundo maior produtor de biocombustível do mundo, maior que os próximos oito combinados. É disso que precisamos na corrida pelo SAF”, disse o executivo. Ele afirma que, embora a companhia esteja trabalhando em projetos de aeronaves elétricas e a hidrogênio, metade das emissões dos voos ao redor do mundo vem de rotas de longo curso, que não são candidatas a essa tecnologia. “Esta não é uma posição só da Boeing, é do setor. Como tirar o carbono do sistema? Com SAF, menos de 2% dos voos no mundo são feitos com o combustível, o problema é a escala.”

Loomis relata que a Boeing vem trabalhando com SAF há cerca de 10 anos no Brasil, patrocinando projetos de universidades e entidades ligadas à pesquisa. “O País poderia produzir oferta para toda a sua demanda doméstica e ainda exportar.”

Conforme o executivo, a companhia se comprometeu a certificar aviões para operar com 100% SAF até 2030, embora ele admita que não haverá oferta suficiente no mundo para que todos os aviões rodem com o combustível. Neste sentido, a Boeing vem trabalhando junto à Federal Aviation Administration (FAA, a agência de aviação dos EUA) para garantir que todas as aeronaves possam rodar integralmente com o combustível sustentável ao fim da década.

Alta do petróleo força renovação de frota

Jornal Valor Econômico

Enquanto as companhias aéreas tentam recuperar margens e recompor a taxa de ocupação, as fabricantes de aeronaves buscam estimular a renovação da frota, tendo como pano de fundo o aumento das cotações do petróleo depois da guerra na Ucrânia. “Com o desafio do aumento de preços dos combustíveis, as aéreas precisam de produtos mais eficientes”, diz o vice-presidente da Boeing para América Latina e Caribe e diretor-geral da companhia no Brasil, Landon Loomis.

Por outro lado, um efeito colateral da guerra – que se soma aos impactos da pandemia – é o aumento substancial dos preços dos insumos. O executivo não comenta negociações com clientes e fornecedores, mas afirma que a companhia está em contato constante com empresas da cadeia de suprimentos para administrar essa situação. Ele afirma ainda que esta não é a primeira vez que a companhia precisa lidar com uma crise ligada à Rússia. “O titânio é um componente crítico para nós, mas desde a última invasão à Ucrânia (Crimeia), em meados de 2014, iniciamos um processo de não depender mais do insumo proveniente da Rússia”, afirmou ele.

Em sua avaliação, as projeções de retomada do setor vão se confirmar. “Os preços do combustível são uma parte importante dos custos dos nossos clientes, é um desafio com que eles precisam lidar, mas operamos em um cenário de desafios.” Ele lembra que, antes da pandemia, o setor transportava 4,5 bilhões de passageiros. “Em 2050, teremos 10 bilhões de passageiros globalmente, vamos continuar crescendo.”

O analista de câmbio que viralizou no Brasil

O Estado de S. Paulo.

Robin Brooks fala com o tom sóbrio de um PH.D. em economia que dedicou grande parte da carreira a calibrar modelos de valor justo para taxas de câmbio.

Então, foi um choque para Brooks e sua família quando ele, de repente, se tornou uma sensação nas redes sociais no Brasil. Mas Brooks é uma raridade nos círculos financeiros dos EUA: aposta na valorização do real brasileiro no longo prazo. E foi esse otimismo inabalável, mesmo nos piores momentos do colapso pandêmico da moeda, que fez dele o rosto público do rali vertiginoso que transformou o real na principal moeda de melhor desempenho do mundo este ano.

Para seus seguidores do Twitter no Brasil, onde observar as taxas de câmbio é uma espécie de obsessão nacional, Brooks, 51 anos, é simplesmente “o careca”. Ou, às vezes, “o careca do Goldman”. Na verdade, ele já não trabalha no Goldman Sachs há cinco anos, mas o nome soa muito melhor do que o “careca do Institute of International Finance”, onde trabalha atualmente como economista chefe, em Washington.

Alguns de seus críticos, que são muitos, também usam uma linguagem semelhante para descrever suas análises. Eles riem de como sua previsão de valor justo

para o real – R\$ 4,50 por dólar – não mudou em mais de dois anos, apesar de todos os tipos de reviravoltas na economia local e nos mercados globais. E eles dizem que sua aposta de alta teve a sorte de pegar duas forças que impulsionam os ganhos da moeda: uma onda de aumentos nas taxas de juros pelo Banco Central e um boom repentino na demanda global pelas exportações brasileiras de soja, petróleo, minério de ferro e café.

Para Brooks, porém, esses desenvolvimentos refletem sua crença de que os fundamentos econômicos e de comércio exterior do País estão melhorando, e que a moeda continua mais fraca do que deveria. Ainda é uma visão polêmica. A maioria dos analistas consultados pela Bloomberg prevê que o real vai enfraquecer a partir daqui. Na verdade, Brooks hoje em dia tuita principalmente sobre a guerra na Ucrânia e sobre como as sanções estão fracassando na tarefa de estrangular as finanças da Rússia.

Nascido e criado na Alemanha, Brooks estudou na London School of Economics e na Universidade de Yale antes de trabalhar no FMI, Brevan Howard e no Goldman Sachs, onde foi o principal estrategista de câmbio. Foi durante seu tempo no FMI que ele ajudou a criar um modelo de valor justo para moedas que usa até hoje. Brooks apenas mexeu um pouco no modelo para carregar alguns dados de alta frequência.

O modelo faz estimativas em quase todas as principais moedas de mercados emergentes. Nem todas funcionam bem. A lira turca, por exemplo, foi uma aposta polêmica que deu muito errado. E ele reconhece que sua postura de baixa em relação ao rand sul-africano parece irrealista neste momento.

Origin investirá R\$ 500 milhões para crescer no País

Broadcast

O grupo irlandês de insumos e serviços agrícolas Origin quer investir até R\$ 500 milhões em cinco anos para crescer no Brasil. Dono da Fortgreen, de fertilizantes especiais e adjuvantes, prevê construir fábrica no Centro-oeste e quatro centros de distribuição – hoje tem dois, que atendem às plantas de Paiçandu (PR) e Varginha (MG) – e estuda mais aquisições. “A velocidade de retorno do investimento no Brasil é mais rápida do que na Europa”, diz Leonardo Pereira, chefe de Desenvolvimento de Negócios e Inovação para América Latina. Com os aportes, o Origin espera passar de um

faturamento no País de R\$ 268,4 milhões no ano fiscal 2020/21 para R\$ 700 milhões em 2027/28. Para isso, busca aumentar vendas em cana, citros e florestas.

Com os investimentos em fábrica e centros de distribuição e aumento previsto de mais de 60% na equipe técnica e comercial até 2027/28, a empresa espera ampliar a rede de distribuidores. Hoje, ela é composta de 450 revendas e cooperativas.

O grupo tem 15 produtos previstos para chegar ao mercado até 2027/28. Nos últimos cinco anos, lançou 20. “Precisamos investir em gente, distribuição e operação. Temos que aumentar a exploração da tecnologia para depois lançar mais produtos”, diz Pereira. Hoje, 90% da receita vem de grãos, café, algodão e hortifrúti.

Exportação de frutas em alta

Broadcast

Exportadores brasileiros de frutas esperam repetir neste ano o desempenho recorde do ano passado, quando as vendas externas geraram US\$ 1 bilhão. “Se alcançarmos este resultado, diante de todos os desafios deste ano, será positivo”, diz Guilherme Coelho, presidente da Associação dos Produtores de Frutas (Abrafrutas). A receita estável apurada no primeiro trimestre do ano corrobora a perspectiva.

Fatores como queda do dólar, entraves no transporte marítimo e alto custo de produção freiam o aumento das exportações de frutas. Por outro lado, a demanda continua aquecida. “A maior preocupação é a logística”, diz Coelho.

***Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do
Governo do Estado do Ceará.***

Assessoria de Comunicação – ADECE

Fone: (85) 3108.2700

www.adece.ce.gov.br

ANEXO

INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

Atualização 14.02.2022

TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB (JAN-DEZ)					
	2018	2019	2020*	2021**	2022**
Ceará	1,45	2,67	-3,56	6,24	1,25
Brasil	1,78	1,41	-4,06	4,65	0,5

Fonte: IPECE. Atualizado em 16/12/2021.

VALOR CORRENTE DO PRODUTO INTERNO BRUTO ANUAL (PIB) (R\$ BILHÕES) (JAN-DEZ)					
	2018	2019	2020*	2021**	
Ceará	155,9	167,0	168,3	193,6	
Brasil	7.004,1	7.407,0	7.447,9	8.468,1	

PARTICIPAÇÕES PIB ANUAL (%) (JAN-DEZ)					
	2018	2019	2020*	2021**	
PIB CE/PIB BR	2,23	2,25	2,26	2,29	
Participações População (%)	4,35	4,35	4,34	4,33	

Fonte: IBGE e IPECE. Atualizado em 29/09/2021.

Notas: (*) Valores estimados, sujeitos a revisão; (*) Valores projetados, sujeitos a revisão.

ÍNDICE DA ATIVIDADE ECONÔMICA REGIONAL - VARIAÇÃO ACUMULADA (%)

REGIÃO/ANO	JAN-DEZ/18	JAN-DEZ/19	JAN-DEZ/20	JAN-DEZ /21
Ceará	1,86	1,83	-3,97	4,22
Nordeste	1,59	0,34	-3,54	2,97
Brasil	1,32	1,05	-4,05	4,50

Fonte: Banco Central.

Nota: base: igual período do ano anterior.

CONTAS EXTERNAS DO CEARÁ (US\$ MILHÕES) (JAN)						
	2018	2019	2020	2021	2022	Var (21 - 22) %
Exportações	180,54	238,18	203,67	106,10	210,12	98,03
Importações	195,15	206,10	257,98	237,20	628,94	165,15
Saldo Comercial	-14,60	32,08	-54,30	-131,10	-418,83	219,47

Fonte: MDIC.

ESTOQUE DO VOLUME DE CRÉDITO

	2018	2019	2020	2021 (Até dezembro)
Brasil (R\$ Tri)	3,26	3,48	4,02	4,68
Ceará (R\$ Bi)	71,32	76,77	87,14	100,58

Fonte: Banco Central.

PRINCIPAIS ÍNDICES				
ATIVIDADE – CEARÁ	Variação Acumulada de Janeiro a Dezembro			
	2018	2019	2020	2021
Produção Física Industrial	0,4	1,6	-6,2	3,7
Pesquisa Mensal de Serviços	-7,1	0,3	-13,6	13,2
Pesquisa Mensal do Turismo	6,6	4,8	-41,0	19,5
Vendas Mensais do Varejo Comum	2,1	-1,4	-5,8	-3,3
Vendas Mensais do Varejo Ampliado	2,7	3,1	-5,0	7,1
Vendas Mensais de Materiais de Construção	-2,8	13,7	5,8	23,1

Fonte: IBGE e FGV.

Nota: base: igual período do ano anterior.

MERCADO DE TRABALHO - CEARÁ				
INDICADOR	2018.4	2019.4	2020.4	2021.3
Desocupação (%)	10,1	10,1	14,4	12,4
Nível de ocupação (%)	50,3	50,8	42,8	46,7
População em idade de trabalhar	7.312 (100%)	7.410 (100%)	7.620 (100%)	7.408 (100%)
Força de trabalho (mil) (a=b+c)	4.088 (56%)	4.185 (56%)	3.808 (50%)	3.952 (53%)
Ocupada (mil) (b)	3.676	3.762	3.260	3.460
Formal (mil)	1.630	1.702	1.534	1.618
Informal (mil)	2.046	2.060	1.726	1.842
Desocupada (mil) (c)	412	423	549	492
Fora da Força de trabalho (mil)	3.224 (44%)	3.225 (44%)	3.812 (50%)	3.456 (47%)
Desalentados (mil)	328	358	466	384
Rendimento médio, estimava real, de todos os trabalhos das pessoas ocupadas (em R\$)	1.525	1.685	1.656	1.694

Fonte: IBGE (PNAD Contínua).

ESTOQUE DE EMPREGO FORMAIS							
REGIÃO/ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021* (Até dezembro)
Ceará	1.542.759	1.443.365	1.464.948	1.471.704	1.478.563	1.441.497	1.522.957
Nordeste	8.899.279	8.436.203	8.543.651	8.647.237	8.548.407	8.368.329	8.842.907
Brasil	48.060.807	46.060.198	46.281.590	46.631.115	46.716.492	46.236.176	48.966.773
CE/NE (%)	17,34	17,11	17,15	17,02	17,30	17,23	17,22
CE/BR (%)	3,21	3,13	3,17	3,16	3,16	3,12	3,11
NE/BR (%)	18,52	18,32	18,46	18,54	18,30	18,10	18,06

Fonte: RAIS/ME e NOVO CAGED.

Nota: * O estoque de empregos 2021: Estoque de empregos em 2020 + o saldo das contrações de 2021.

Movimentação do emprego formal – Ceará – 1996 – Dezembro/2021

Ano Declarado	Admitidos	Desligados	Saldo
2021*	492.569	411.109	81.460
2020*	373.278	367.300	5.978
2019	372.926	363.380	9.546
2018	376.722	357.097	19.625
2017	365.964	371.270	-5.306
2016	386.494	423.395	-36.901
2015	461.644	497.486	-35.842
2014	540.098	498.154	41.944
2013	523.674	477.859	45.815
2012	481.466	451.338	30.128
2011	489.918	443.892	46.026
2010	448.201	375.414	72.787
2009	379.204	314.768	64.436
2008	345.458	304.017	41.441
2007	295.833	256.111	39.722
2006	267.041	233.481	33.560
2005	240.637	209.762	30.875
2004	227.205	195.965	31.240
2003	210.583	191.938	18.645
Subtotal	7.278.915	6.743.736	535.179
2002			30.831
2001			17.081
2000			17.779
1999			5.823
1998			-7.460
1997			4.031
1996			1.463
Total			604.727

Fonte: Ministério da Economia/ NOVO CAGED.

Nota: * Valores sujeitos a revisão.

ABERTURA/FECHAMENTO DE EMPRESAS NO CEARÁ (ACUMULADO DE JAN-DEZ)				
ESPECIFICAÇÕES	2018	2019	2020	2021
Abertura	70.245	85.246	89.216	110.011
Fechamento	71.837	31.598	27.472	38.832
Saldo	-1.592	53.648	61.744	71.179

Fonte: JUCEC.

PECEM - TOTAL DE MOVIMENTAÇÃO DE CARGA (TONELADAS) (ACUMULADO DE JAN-DEZ)					
PERÍODO	2018	2019	2020	2021	Var (18 - 21) %
	17.214.859	18.100.766	15.930.483	22.417.077	30,22

Fonte: CIPP.

CONSUMO (MWM) DE ENERGIA (ACUMULADO DE JAN-DEZ)					
	2018	2019	2020	2021	Var (20 - 21) %
Ceará	11.575.659	11.903.860	11.673.157	12.712.261	8,90

Fonte: ENEL Ceará/Departamento de Faturamento.

FECHAMENTO DE MERCADO

BOLSAS

<u>IBOV</u>	108.433,69
<u>NASDAQ</u>	12.556,82
<u>DOW JONES</u>	33.352,64
<u>S&P 500</u>	4.193,67
<u>Nikkei 225</u>	26.700,11
<u>LSE LONDRES</u>	8.084,00

MOEDAS

<u>DÓLAR</u>	R\$ 4,99
<u>EURO</u>	R\$ 5,31
<u>GBP - USD</u>	1,26
<u>USD - JPY</u>	127,56
<u>EUR - USD</u>	1,06
<u>USD - CNY</u>	6,56
<u>BITCOIN</u>	\$38.237,58

COMMODITIES

<u>BRENT (US\$)</u>	104,88
<u>Prata (US\$)</u>	23,49
<u>Boi Gordo (US\$)</u>	139,75
<u>Trigo NY (US\$)</u>	1.095,40
<u>OURO (US\$)</u>	1.899,30
<u>Boi Gordo (R\$)</u>	330,45
<u>Soja NY (US\$)</u>	1.670,88
<u>Fe CFR (US\$)</u>	154,13

INDICADORES DE MERCADO

<u>US T-2Y</u>	2,54	<u>Risco Brasil - CDS 5 anos - USD</u>	220,38
<u>US T-5Y</u>	2,80	<u>SELIC (%)</u>	11,75
<u>US T-10Y</u>	2,78		
<u>US T-20Y</u>	3,05		
<u>US T-30Y</u>	2,87		

ECONOMIA CEARENSE

<u>RCL - CE (2021)</u>	25.170,81 Mi	<u>INVES - CE (2021)</u>	3.477,67 Mi
<u>RCL - CE (FEV/2022)</u>	4.817,10 Mi	<u>INVES - CE (FEV/2021)</u>	92,93 Mi

INFLAÇÃO

<u>IPCA - Acumulado em 12 meses (%)</u>	11,30
---	-------

Última atualização:
26/04/2022

